



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VICIÀ**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico: Talha-Lisboa • Telefone 5339 O.

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# BATALLA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## MONARQUIA E REPUBLICA

De há muito que a república vem dando indícios de se inclinar mais facilmente para as forças monárquicas e clericais que com batem do que para os elementos avançados que elogiou e de que se tem servido, na hora do perigo, para se manter.

Podrá ser estranho para muita gente este facto absolutamente natural. A todo o instante verificamos esta ligação, espécie de solidariedade, entre republicanos, monárquicos e católicos. As divergências que, por vezes, entre eles se apresentam são superficiais, resultado de invejas porque uns estão comendo mais do que outros, porque uns estão de posse do penacho e outros não. Os republicanos combatem os monárquicos, exactamente como os vários partidos republicanos se combatem uns aos outros. O ódio que divide os diversos partidos políticos da república é o mesmo que divide republicanos e monárquicos. Assim como esses partidos se unem, em certos casos, para salvar a república, da arremetida monárquica, também esses mesmos partidos se hão de unir aos monárquicos para salvar a sociedade capitalista que a todos eles sustenta.

E' um fenómeno natural. Nos ataques ao proletariado, não se distinguem os monárquicos dos republicanos. Todos eles defendem a desigualdade económica, base do seu predomínio.

O operário vive mal numa monarquia como numa república. Porque a questão política é secundária, a questão económica é a verdadeira. E' esta que pesa sobre os que trabalham, porque só ela pode dar ou retirar direitos políticos. O rico tem mais direitos do que o pobre, embora esse rico seja monárquico ou republicano.

O pobre pode ser monárquico, republicano, socialista ou anarquista, que será sempre escravo, sempre dependente da superioridade económica do rico, do proprietário.

Não é, pois, para admirar que um governo republicano ajude o capitalismo monárquico contra os combates dos trabalhadores, assim como não é estranho também que trabalhadores de vários credos políticos combatam os seus próprios correligionários ricos. Os patrões monárquicos e republicanos só vêem no operário o inimigo que lhes pode destruir o bem-estar, a situação privilegiada, e os operários só vêem, por vezes, no capitalista o indivíduo que lhes rouba o bem-estar económico, que lhes nega um pedaço de pão.

O melhor exemplo do que afirmamos está na greve dos trabalhadores de imprensa: As empresas de opiniões heterogêneas coligadas contra os trabalhadores das ideias heterogêneas. Como se explica a união dos trabalhadores de

## O movimento dos manipuladores de pão

Como ontem noticiámos, a sala onde os manipuladores de pão se encontravam reunidos foi encerrada e lacrada. Porém, como essa sala não era para uso exclusivo daquela classe, mas para todas as associações que neste edifício se encontram instaladas, disto foi dado conhecimento às autoridades, que a mandaram reabrir ontem.

A greve mantém-se, sem que tivesse havido ontem incidentes a registar. A classe encontra-se disposta a lutar com energia até final.

O comité da greve envia-nos a seguinte nota:

Tendo o comité conhecimento da reunião efectuada anteontem na Calçada de Carriche, mais uma vez enche-se a situação de tensão e a classe encontra-se a uma situação de extrema tensão. Foi essa atitude que acabou por quebrar a calma de que o comandante dessa força de polícia gozava. O comité aconselha os grevistas a não se atemorizarem ante as arremetidas do governo, que pretende apenas a volta ao trabalho.

Também teve o comité conhecimento de que todos os e muros de pressão na cidade de Carriche foram pouco depois restituídos à liberdade. Partilha igualmente que a sala onde a associação reúne as suas assembleias foi reaberta.

Recomenda a máxima união, não devendo os grevistas retornar ao trabalho sem que o comité o ordene.

Protestos contra o procedimento da polícia, quando da reunião da Rotunda, e contra a prisão dos 148 grevistas.

Apreciação a forma desordenada como se está a roubar o pão, com consequente desconfiança das autoridades. Foram apresentados nas assembleias alguns pães. Um que devia pesar 350 gramas, continha apenas 150; outro que devia ter 350 gramas, continha apenas 250. Na Avenida Defensores de Chaves foi vendido um pão com 170 gramas quando devia pesar 350. Nas padarias de Arroios, vendeu-se um pão de segunda com 350 gramas, em vez de 300.

Como a comissão de demarques terá de realizar várias conferências com diversas entidades, a mesma comissão aconselha a classe a máxima solidariedade. E' esse motivo não haverá reunião hoje. A referida comissão teve ontem a noite uma conferência com o secretário do governador civil.

O fornecimento de pão é insuficientíssimo.

Devido à greve dos operários manipuladores de pão tem vindo notas para a imprensa indicando que está assegurado o fornecimento de pão a toda a cidade, pois que a Manutenção Militar dispõe dos meios necessários a satisfazer as necessidades do público consumidor.

Sucede, porém, que o pão falta, apesar de se pretender fazer crer o contrário, e se algum aparece à venda, só a muito custo se consegue obter, com a agravante de ser mal fabricado e a diferença no peso ser espantosa, aparecendo pães com 135 gramas que são vendidos como se tivessem o peso de 250.

As bichas notam-se por toda a cidade e servidas à larga são as criaturas fardadas, como aliás ontem se verificou numa padaria da esquina da rua do Canelinho, onde se formaram duas bichas, uma para fardados com gradação, segundo o que o polícia de serviço indicava, e outra para o povo, a quem era fornecido só um pão, ao passo que al-

## Duas prisões

Alfredo Pinto  
Francisco Fernandes

Pelas nove horas da manhã de ontem visitou a polícia a residência do nosso camarada Alfredo Pinto, empregado neste jornal na qualidade de chefe da tipografia, dando-lhe voz de prisão. Alfredo Pinto trabalhara toda a noite nesta oficina e só de madrugada, concluída a tarefa diária, recolhera a casa. A polícia foi interromper-lhe o repouso e levou-o para a esquadra das Mónicas, onde permanece incomunicável à hora em que escrevemos estas linhas.

Há semanas apenas que Alfredo Pinto fora restituído à liberdade, depois de uma prisão de 46 longos dias no quartel de Sapadores. Prendem-no de novo agora. Porquê? Mistério. O nosso camarada não cometeu delito algum, podemos assegurá-lo terminantemente. Companheiro nosso de todos os dias, pontual no exercício das suas funções, scrupuloso no cumprimento dos seus deveres como se fossem os homens afeitos ao trabalho desde a infância, preocupado com o grangeio dos meios de subsistência para si e para a sua família, que é numerosa, Alfredo Pinto nada fez que possa justificar este arbitrário e revoltante procedimento policial. A sua outra fortíssima prisão de 46 dias, há pouco terminada, também não teve nada que a justificasse. Alfredo Pinto estava empregado na tipografia dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste quando se produziu a última greve. Adein a greve, como lhe cumpria. Abandonou o trabalho e acompanhou os seus camaradas, pois era este o procedimento que se impunha a qualquer homem de dignidade. Em consequência disso ficou fazendo parte do número dos despedidos. De resto, a sua acção no movimento nada teve de subversivo.

Mas a polícia é que o tomou de ponta. Várias vezes o chamou ao governo civil, Alfredo Pinto compareceu sempre, porque quem não deve não teme, e ele estaria talvez na prisão se não tivesse a certeza de que para se sair de lá era necessário ter cometido delitos. Quanto grande não será hoje a sua desilusão! Na madrugada de 2 de Fevereiro a polícia prendeu-o, quando ele desprocurado regressava a casa. Foi esta a segunda prisão, se não estamos em erro. Prolongaram-lhe, como dissemos, por 46 dias, a maior parte deles de incomunicabilidade, sem o interrogar, sem lhe darem uma explicação, sem coisa nenhuma. Agora, outra vez, e não há o direito de saber, o direito de apresentar às autoridades que tam infundadas detenções ordenam, a razão de se deter procedimento tirânico?

Uma outra prisão, igualmente disparatada e incompreensível, foi efectuada anteontem. Attingiu o nosso camarada Francisco Fernandes, operário carpinteiro e contínuo de várias associações instaladas no mesmo prédio em que a Batalha tem a sua sede. Francisco Fernandes trabalhava numa obra próxima do parlamento, e, finda a labuta do dia, recolheu a casa. Preparava-se para jantar quando a polícia lhe surgiu, não o deixando comer e levando-o para a esquadra dos Terramotos, onde se encontra incomunicável e privado de todo o conforto.

Uma comissão composta de ferroviários e de elementos da comissão Pro-greiros, acompanhada do advogado do conselho jurídico, procurou ontem o presidente do ministério afim de reclamar a liberdade não só de Alfredo Pinto e Francisco Fernandes mas ainda de vários outros trabalhadores que, embora abrangidos pela amnistia, se encontram ainda nas cadeias da República. Não conseguiu a comissão avistar-se com o presidente do ministério, ficando marcada uma audiência para hoje, às 14 horas.

O amor é uma vítima; a figura de Lechat, ergue-se na sua frente a entravando a marcha natural. A felicidade humana, o direito dos humildes, a honra, o direito à vida são regulados por Lechat. Este homem, perfeitamente embruteado pela febre do ganho, não permite que seus criados tenham filhos; e são os interesses mesquinhos de Lechat que originam o suicídio do chefe de família; são ainda esses interesses que se erguem entre dois jovens que se amam; que regulam a política nacional; que servem de apoio aos maneios da Igreja.

Octave Mirbeau, para mostrar que prejudicial é à humanidade a desigualdade económica que serve de base à sociedade contemporânea, não hesitou de fazer discursos revolucionários no palco. Arquitectou um entredo, de semelhanças por figuras humanas. Os conflitos dão-se naturalmente sem ser necessários provocá-los. Colocou na perspectiva de Lechat dois personagens despidos de preconceitos, com uma alta concepção da vida. Este contraste entre os interesses humanos de Garraud e Germana e os de Lechat, estupefacto, subornado ao lucro, ao aumento constante da fortuna individual, é o bastante para formar um entredo simples, acessível a toda a gente, emocionante e vivo.

Os fios do entredo prendem-se mais fortemente a Lechat e Germana, pai e filha. A moral dum é a antítese da moral da outra. Germana, ao invés de seu pai, é boa, sente a dor alheia como se fosse a sua própria dor, compreende que a fortuna do pai é construída sobre o sofrimento dos que o servem, de todos os que caem nas suas garras poderosas. Cada negócio de seu pai — ela sabe-o bem — origina a ruína dum homem que se suicida, apoia-se sobre a humilhação de uns e a desonra de outros.

O verdadeiro entredo da peça é um negócio, um grande negócio que dois indivíduos veem propor a Lechat. Lechat. Esses dois indivíduos — Phinck e Gruggh — são uns engenheiros que pretendem enganar Lechat e este, experiente em negócios, pretende, por sua vez, intrujá-los. Para que a exploração desse negócio possa dar lucros fartos a Lechat é necessário primeira-

mente dispor de bom capital, depois comprar uma figura influente no Estado-Maior francês. Há um marquês, de porte aparentemente digno, apegado a tradições e crivado de dividas, que deve somas importantes a Lechat. Esse marquês, que se encontra em absoluto dependente do grande capitalista, poderia exercer grande influência no Estado-Maior. Lechat concebe o seu plano: casaria sua filha Germana com o filho do marquês, salvaria da ruína, com esse casamento, uma família ilustre, mas a nova posição social que lhe adviria de semelhante casamento, que é um auge de fortuna, proporcionaria-lhe um aumento considerável da sua fortuna, porque o Estado-Maior protegeria a famosa transacção proposta pelos dois engenheiros.

Os marçus, a princípio, afecta grande amor aos seus princípios, aos seus pergaminhos e aos seus preconceitos de fidelidade. Opõe que seu filho não conhece Germana, ao que Lechat objecta:

— Acaso Germana conhece seu filho? Os marçus não quer convencer-se. Seria um escândalo esse matrimónio. O filho dum marquês ligado a filha dum socialista (Lechat diz-se socialista)! Os marçus não pode suportar o programa político que Lechat apresentou para a sua candidatura. E' um programa socialista, anti-clerical.

— Os programas! — responde Lechat, num gesto que parece atirar com as cousas para muito longe. — Uma vez eleito... os programas ficam tam longe...

Por fim o marquês de Porcellet convence-se e dispõe-se a pedir, para seu filho, a mão de Germana. Lechat chama a scena sua esposa e sua filha. Com grande espanto de Lechat — que, sempre entregue aos negócios, não conhecia a família, que para ele era uma coisa decorativa, mercadoria que, sendo necessário, se venderia por bom preço — Germana recusou o casamento. Passa-se então uma scena emocionante. O marquês retira-se vexado, porque Germana declarou com energia possuir um amante.

Lechat lança em rosto de Germana a despeza que fizera com a sua educação e na compra de vestidos luxuosos. Germana responde-lhe que desde que teve idade para compreender que esse luxo era o produto do roubo, deixou de usar os vestidos espantosos que lhe chegavam a pele.

Instada pelo pai a declarar o nome do amante Germana chama Garraud, o empregado de Lechat. Efectivamente Garraud e Germana eram duas almas que se compreendiam. Ambos concluíam as iniquidades de Lechat. Por m, Germana era mais revolta, mais enérgica. Garraud, apesar de explorado, apesar de amar Germana sinceramente, nunca quisera fugir de casa, embora ela lhe tivesse proposto várias vezes; primeiro, porque julgava abusar assim da boa-fé de Lechat; segundo, porque conhecia a vida, a miséria dos que se querem conservar honrados, e não desejava expor a mulher que amava às contingências da miséria.

Lechat, obcecado pela sua moral estreita, julga que Lucien Garraud se contentará, para deixar sua filha em paz, com alguns milhares de francos. Imagina-se vítima dum negócio e pergunta a Lucien quanto quer lhe ganhar nessa transacção. Lechat dar-lhe há um tanto e Garraud abandonará a sua casa e a amante. Engana-se, porém. Garraud não quer dinheiro e Lechat fica estupefacto.

Pouco depois, Germana e Lucien abandonam a casa de Lechat. A esposa deste sente-se revoltada também e deseja ir viver numa casa modesta em companhia de sua filha, mas falta-lhe a energia moral: «Tenho vivido com ele como tenho de morrer», diz ela tristemente.

Lechat, sentindo-se sobre a cabeça o ódio de toda a gente. Este facto abate o bastante. O grande capitalista deixa-se cair num *fautail*, encoستا-se a secretária e medita. O seu orgulho está ofendido, o despeito invade-o. Os milhões não impediram a fuga de sua filha. A perda de Germana, sobretudo, punha em cheque o êxito dum negócio excelente.

E' no momento em que Lechat se entrega a estas meditações que o intendente — um fidalgo caído na desgraça e explorado por Lechat, a quem serve humildemente — lhe vem anunciar a morte de Xavier, filho que Lechat amava tanto quanto lhe permitiam os sagrados interesses de capitalista. Lechat amava esse filho porque ele era, na alta sociedade, um reclamo dos negócios do pai. Xavier Lechat morreu esmagado, num desastre de automóvel. O grande capitalista sofre um desgosto fortíssimo com esta morte. Fram muitas contradições em pouco tempo. A fuga de Germana, o ódio de sua esposa e a morte trágica de seu filho abatem-no por completo, quasi lhe provocam uma congestão.

E' precisamente nesta ocasião que Phinck e Gruggh, os engenheiros, se apresentam hipocritamente conternados. Sentem muito a dor daquele pai, mas a transacção tem de se fechar na quele instante, porquanto necessitam nessa mesma tarde retirar-se para Paris.

Apresentam um documento para

## UMA BOA PEÇA DE THEATRO

### "Negócios são negócios..."

Sobe hoje à scena no teatro do Ginnásio, em festa artística de Araújo Pereira

Há cerca de vinte anos que Octave Mirbeau escreveu a maravilhosa peça *Negócios são negócios*. Se o dramaturgo visse ainda e conservasse aquele vigor, aquela impetuosidade que o caracterizavam não faria uma obra mais verdadeira, mais humana.

*Negócios são negócios* é uma pintura da época. As figuras são-nos familiares, são características. O personagem principal, Lechat, encontramos-o ali em cada canto. Se há vinte anos os ricos espertos, quasi analfabetos, colucando o dinheiro acima do amor com afeição e paternal, elevando os interesses do coife-forte acima dos interesses da humanidade, eram raros e passavam quasi despercebidos à multidão que trabalhava e sofria, hoje os Lechats patenteariam-se por toda a parte. Basta entrar na *Garrett*, no *Tavares*, nos cafés ou visitar uma praia da moda para os encontrarmos, de dedos plenos de anéis, dando o braço a mulheres geralmente obesas, tacanhas de inteligência, que se submetem aos maridos como selvagens a deuses abjectos.

Colocou Mirbeau nessa peça de combate, ao lado de Lechat, uma mulher estúpida, que suporta, pacientemente, a tirania do marido, que não dá um passo sem pensar primeiramente se elle lhe será agradável.

Mulher e marido são dois símbolos quasi. São dois produtos duma socie-



Araújo Pereira

dade defeituosa, que faz secar no coração dos homens os sentimentos altruístas. Octave Mirbeau collocou-os em conflito com as tendências naturais da vida. Lechat representa a moral, o preconceito burguês, criado pela sociedade capitalista. Contra essa moral tudo quanto há de belo, de puro e de humano se despedaçava.

O amor é uma vítima; a figura de Lechat, ergue-se na sua frente a entravando a marcha natural. A felicidade humana, o direito dos humildes, a honra, o direito à vida são regulados por Lechat. Este homem, perfeitamente embruteado pela febre do ganho, não permite que seus criados tenham filhos; e são os interesses mesquinhos de Lechat que originam o suicídio do chefe de família; são ainda esses interesses que se erguem entre dois jovens que se amam; que regulam a política nacional; que servem de apoio aos maneios da Igreja.

Octave Mirbeau, para mostrar que prejudicial é à humanidade a desigualdade económica que serve de base à sociedade contemporânea, não hesitou de fazer discursos revolucionários no palco. Arquitectou um entredo, de semelhanças por figuras humanas. Os conflitos dão-se naturalmente sem ser necessários provocá-los. Colocou na perspectiva de Lechat dois personagens despidos de preconceitos, com uma alta concepção da vida. Este contraste entre os interesses humanos de Garraud e Germana e os de Lechat, estupefacto, subornado ao lucro, ao aumento constante da fortuna individual, é o bastante para formar um entredo simples, acessível a toda a gente, emocionante e vivo.

Os fios do entredo prendem-se mais fortemente a Lechat e Germana, pai e filha. A moral dum é a antítese da moral da outra. Germana, ao invés de seu pai, é boa, sente a dor alheia como se fosse a sua própria dor, compreende que a fortuna do pai é construída sobre o sofrimento dos que o servem, de todos os que caem nas suas garras poderosas. Cada negócio de seu pai — ela sabe-o bem — origina a ruína dum homem que se suicida, apoia-se sobre a humilhação de uns e a desonra de outros.

O verdadeiro entredo da peça é um negócio, um grande negócio que dois indivíduos veem propor a Lechat. Lechat. Esses dois indivíduos — Phinck e Gruggh — são uns engenheiros que pretendem enganar Lechat e este, experiente em negócios, pretende, por sua vez, intrujá-los. Para que a exploração desse negócio possa dar lucros fartos a Lechat é necessário primeira-

mente dispor de bom capital, depois comprar uma figura influente no Estado-Maior francês. Há um marquês, de porte aparentemente digno, apegado a tradições e crivado de dividas, que deve somas importantes a Lechat. Esse marquês, que se encontra em absoluto dependente do grande capitalista, poderia exercer grande influência no Estado-Maior. Lechat concebe o seu plano: casaria sua filha Germana com o filho do marquês, salvaria da ruína, com esse casamento, uma família ilustre, mas a nova posição social que lhe adviria de semelhante casamento, que é um auge de fortuna, proporcionaria-lhe um aumento considerável da sua fortuna, porque o Estado-Maior protegeria a famosa transacção proposta pelos dois engenheiros.

Os marçus, a princípio, afecta grande amor aos seus princípios, aos seus pergaminhos e aos seus preconceitos de fidelidade. Opõe que seu filho não conhece Germana, ao que Lechat objecta:

— Acaso Germana conhece seu filho? Os marçus não quer convencer-se. Seria um escândalo esse matrimónio. O filho dum marquês ligado a filha dum socialista (Lechat diz-se socialista)! Os marçus não pode suportar o programa político que Lechat apresentou para a sua candidatura. E' um programa socialista, anti-clerical.

— Os programas! — responde Lechat, num gesto que parece atirar com as cousas para muito longe. — Uma vez eleito... os programas ficam tam longe...

Por fim o marquês de Porcellet convence-se e dispõe-se a pedir, para seu filho, a mão de Germana. Lechat chama a scena sua esposa e sua filha. Com grande espanto de Lechat — que, sempre entregue aos negócios, não conhecia a família, que para ele era uma coisa decorativa, mercadoria que, sendo necessário, se venderia por bom preço — Germana recusou o casamento. Passa-se então uma scena emocionante. O marquês retira-se vexado, porque Germana declarou com energia possuir um amante.

Lechat lança em rosto de Germana a despeza que fizera com a sua educação e na compra de vestidos luxuosos. Germana responde-lhe que desde que teve idade para compreender que esse luxo era o produto do roubo, deixou de usar os vestidos espantosos que lhe chegavam a pele.

Instada pelo pai a declarar o nome do amante Germana chama Garraud, o empregado de Lechat. Efectivamente Garraud e Germana eram duas almas que se compreendiam. Ambos concluíam as iniquidades de Lechat. Por m, Germana era mais revolta, mais enérgica. Garraud, apesar de explorado, apesar de amar Germana sinceramente, nunca quisera fugir de casa, embora ela lhe tivesse proposto várias vezes; primeiro, porque julgava abusar assim da boa-fé de Lechat; segundo, porque conhecia a vida, a miséria dos que se querem conservar honrados, e não desejava expor a mulher que amava às contingências da miséria.

Lechat, obcecado pela sua moral estreita, julga que Lucien Garraud se contentará, para deixar sua filha em paz, com alguns milhares de francos. Imagina-se vítima dum negócio e pergunta a Lucien quanto quer lhe ganhar nessa transacção. Lechat dar-lhe há um tanto e Garraud abandonará a sua casa e a amante. Engana-se, porém. Garraud não quer dinheiro e Lechat fica estupefacto.

Pouco depois, Germana e Lucien abandonam a casa de Lechat. A esposa deste sente-se revoltada também e deseja ir viver numa casa modesta em companhia de sua filha, mas falta-lhe a energia moral: «Tenho vivido com ele como tenho de morrer», diz ela tristemente.

Lechat, sentindo-se sobre a cabeça o ódio de toda a gente. Este facto abate o bastante. O grande capitalista deixa-se cair num *fautail*, encoستا-se a secretária e medita. O seu orgulho está ofendido, o despeito invade-o. Os milhões não impediram a fuga de sua filha. A perda de Germana, sobretudo, punha em cheque o êxito dum negócio excelente.

E' no momento em que Lechat se entrega a estas meditações que o intendente — um fidalgo caído na desgraça e explorado por Lechat, a quem serve humildemente — lhe vem anunciar a morte de Xavier, filho que Lechat amava tanto quanto lhe permitiam os sagrados interesses de capitalista. Lechat amava esse filho porque ele era, na alta sociedade, um reclamo dos negócios do pai. Xavier Lechat morreu esmagado, num desastre de automóvel. O grande capitalista sofre um desgosto fortíssimo com esta morte. Fram muitas contradições em pouco tempo. A fuga de Germana, o ódio de sua esposa e a morte trágica de seu filho abatem-no por completo, quasi lhe provocam uma congestão.

E' precisamente nesta ocasião que Phinck e Gruggh, os engenheiros, se apresentam hipocritamente conternados. Sentem muito a dor daquele pai, mas a transacção tem de se fechar na quele instante, porquanto necessitam nessa mesma tarde retirar-se para Paris.

Apresentam um documento para

## ANTE UM REGIME NOVO

### Através da Rússia

(DA AGENCIA «ROSTA WIEN»)

#### A propaganda para a produção

Num artigo dos *Isvestia* consigna-se um certo número de resultados obtidos pela propaganda para a produção. Esta está organizada agora junto de todos os conselhos sindicais da provincia. Os agrupamentos de produção multiplicam-se nas diversas empresas. Só na provincia de Saratof existem cincoenta.

No território de Kuban realizaram-se em Fevereiro vinte e quatro assembleias gerais e conferências sindicais sobre este tema. Em Krasnoarsk, vinte e uma assembleias. Surgiu para este efeito uma imprensa especial, por exemplo, em Vitebsk, Simbirsk, etc. O objectivo geral é não só melhorar os processos técnicos, mas ainda tornar as massas operárias conscientes e activas no seu trabalho, interessando-as pela vida económica da República.

#### Uma derrota da guarda-branca

Alguns elementos da guarda-branca tentaram apoderar-se de Vladivostok em 30 de Março último. A sua tentativa falhou completamente e os guardas brancos foram escuraçados da cidade que se conserva firmemente nas mãos da República do Extremo Oriente.

#### Propaganda anti-religiosa

O comité central do partido comunista russo endereçou a seguinte nota aos membros do partido:

«Pode observar-se em quasi todas as secções que os membros do partido desprezam o artigo 13 do programa que obriga todos os aderentes a fazerem uma activa propaganda anti-religiosa. Enquanto o partido, no seu conjunto, se esforça nesta campanha anti-religiosa, há membros que, não só não tomam parte nela, mas até, entregando-se à prática de exercícios religiosos, contribuem para alimentar a ideologia religiosa.

«Como acontece que as secções, lutando contra esses fenómenos indesejáveis, empreguem meios variados para pôr termo a essas práticas, o comité central convida-as a endereçar-lhe propostas concretas para que possam estabelecer-se preceitos gerais, sobre os quais se tomarão as resoluções que se impõem. — O secretário do comité central, Yaroslavsky, O director da secção de propaganda, Katanine.

#### A semana dos sindicatos

Os jornais verificam que o papel dos sindicatos na Rússia soviética é muito diferente do das nações capitalistas. Os sindicatos, na Rússia, não tem que preocupar-se com a luta cotidiana por aumento de salários, pela redução de horas de trabalho, etc. Todos estes assuntos estão regulados pela legislação social, dominada pelos sindicatos. As associações profissionais da Rússia tem por principal papel organizar a produção, para poderem dirigir e fiscalizar todas as indústrias. A semana dos sindicatos tem precisamente por fim principal chamar as massas a colaborar na organização da produção e a pôr todas as suas forças criadoras ao serviço do Estado operário.

#### Os defensores de Cronstadt

Os sindicatos e as organizações do partido comunista fizeram uma magnífica recepção aos alunos da academia

Lechat assinar. Se este o assina, arruinase. Os dois engenheiros, creem firmemente que a dor impedirá Lechat de ver a cidade que lhe amam. Negócios são negócios...

Porém, a energia de Lechat Lechat ressurge. Acima do pai que perde o amor da filha e o da esposa, e a vida do filho, er ue-se o interesse do coife-forte. E' o negócio superior à própria vida. Vem avisar-lo de que seu filho, estropeado, esmagado, acaba de ser transportado ao palácio. Encontra-se ali, talvez no gabinete do lado, o corpo ainda quente de seu filho... mas negócios são negócios. Lechat não se deixa enganar: Lechat redige um documento que, depois de assinado pelos dois engenheiros, lhe aumentará a fortuna. O filho que espere!... Primeiro o grande negócio. E' preciso dominar os dois engenheiros, enganar-lhes, roubá-los, fazê-los assinar um documento que os perde, que os arruína. E os engenheiros são vencidos por aquela alma poderosamente egoísta de comerciante: assinam o documento que os condena à ruína.

Lechat Lechat dobra cuidadosamente o documento. O negócio terminou. Agora pode entregar-se a sua dor; a dor que lhe roubou a sua robustez, em alguns minutos. Encostando-se aos móveis, Lechat Lechat encaminha-se para a porta, vai ver seu filho que momentos antes expirara.

Sobe hoje à scena no Teatro Ginnásio, pela primeira vez em Portugal, esta peça admirável. E' um acontecimento festal. Há quanto tempo suspiravam os espiritos avançados de Lisboa, que já formam um público, porque são legião, por uma peça assim gloriar-se há, a valer, com esta peça, o teatro livre em Portugal? Animará esta obra os empresários de Lisboa a trocar a revista, ou as pechinhas de aduletrio, por uma arte intensa, própria da época que atravessamos, de molde a satisfazer os espiritos sedentos de beleza e de verdade? Oxalá assim suceda.

Foi esta peça escolhida também para

militar de Moscúvia, que, depois de haverem tomado parte na liquidação da aventura de Cronstadt, acabam de reencontrar em Moscúvia. No dia 3 de Abril efectuou-se uma revista militar em honra dos heróis de Cronstadt. Foram organizadas festas e concertos em todas as escolas militares.

A cultura em comum

Os aldeões reconhecem cada vez mais as vantagens da exploração rural em comum. Só no distrito de Odessa sobe a 85 o número de propriedades exploradas colectivamente.

#### A ciência progressiva

O conselho dos comissários do povo votou cinco milhões de rublos (ouro), para a compra de instrumentos científicos. O professor Eichwald partirá para Berlim dentro de alguns dias para efectuar essas compras.

Confissões dum jornal contra-revolucionário

O jornal socialista revolucionário *Votia Rossiá* publica no seu número de 1 de Abril uma carta dum socialista revolucionário. «Algumas vezes, diz o correspondente, tive ocasião de ler jornais estrangeiros e estou todo indignado de não encontrar neles a respeito da Rússia mais que notícias sobre execuções em massa, violações de mulheres, etc. Tem que dizer-se que se passam entre nós cousas bem tristes. Mas o que esses jornais não contam é a vida nova do povo, o arranco das suas forças criadoras. Parece que, para compreender a Rússia, será preciso viver dentro dela e tomar parte no seu movimento, nas suas dores e no seu renascimento.

E o correspondente prossegue: «Produziu-se na alma popular uma transformação profunda. Os camponeses das aldeias perguntam por exemplo, dos pontos mais afastados, se ainda tem que pôr aos filhos nomes de santos, ou se já podem baptizá-los conforme lhes aprouver. Querem também efectuar o casamento segundo a lei civil. As aldeias pensam e agem livremente.

A instrução pública entre os votiacos

O povo votiao, composto quasi exclusivamente por uma população rural, acordou há muito pouco tempo para a vida intelectual.

A falta duma lingua literária própria entrou extraordinariamente a instrução e a educação nacionais entre os votiacos. Hoje, o Comissariado Central Votiao, pela sua secção editorial, trabalha activamente no sentido de criar uma lingua. Publica manuais, uma revista pedagógica mensal, uma revista infantil, traduções em lingua vudiara. Há já dois jornais vudiacos, o *Gudari*, em Sarapul e o *Siario*, em Elabuga, provincia de Viatka.

O ensino faz progressos. Nas escolas primárias todos os cursos são dados exclusivamente em vudiaco. Contam-se já 137 escolas primárias, 9 secundárias e 4 escolas normais para preparar professores nacionais.

Junta-se a isto 15 jardins para crianças e uma casa de internato.

Existem 38 bibliotecas, 61 salas de leitura nas aldeias, 29 casas do povo e 3 centros dramáticos, que em breve se transformaram em centros de estudo.

Existem 38 bibliotecas, 61 salas de leitura nas aldeias, 29 casas do povo e 3 centros dramáticos, que em breve se transformaram em centros de estudo.

#### A cultura em comum

Os aldeões reconhecem cada vez mais as vantagens da exploração rural em comum. Só no distrito de Odessa sobe a 85 o número de propriedades exploradas colectivamente.

#### A ciência progressiva

O conselho dos comissários do povo votou cinco milhões de rublos (ouro), para a compra de instrumentos científicos. O professor Eichwald partirá para Berlim dentro de alguns dias para efectuar essas compras.



